

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 18 de janeiro de 2017**

Texto de referência: Luigi Giussani, Por que a Igreja, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 202-229 (O fator humano/Implicações).

- *Monologo di Giuda*
- *E se domani*

Glória

Carrón: Continuemos o trabalho com a segunda parte do capítulo “O fator humano” intitulado “*Implicações*”. Dom Giussani parte de uma observação que pode parecer banal, mas que ele considera crucial: “Se o divino escolhe o humano como modo de comunicação de si, o homem que acolhe tal método, o cristão, torna-se e permanece como tal, ou seja, instrumento do divino, mantendo o próprio temperamento particular. Esta afirmação pode parecer uma enorme banalidade, mas a ela sou conduzido para indicar o erro que consiste não apenas na recusa desta observação, mas na objeção que deriva a partir de tal recusa” (p. 202). Dom Giussani nos adverte que somente na teoria a questão do temperamento pode parecer uma banalidade, porque todos sabemos que, depois, na realidade, em muitas ocasiões ela se torna uma objeção. Por isso, não basta repetir que o humano é o instrumento do divino envolvendo também o temperamento porque se, depois, o temperamento se torna para nós uma objeção, então deixa de ser instrumento de comunicação do divino, torna-se um obstáculo ao invés de um instrumento. Portanto, é preciso levar em consideração esta objeção no cotidiano para ver como enfrentar esse obstáculo de modo a poder superá-lo. Por isso Dom Giussani nos diz que o cristão “faz fogueira com a lenha que tem” (p. 204). Olhem como Dom Giussani não diz uma única frase (que nós, ao contrário, muitas vezes consideramos óbvia em sua evidência) sem indicar o passo existencial no qual nos fechamos. Ele sublinha: “E é esta passagem que somos chamados a entender” (p. 204). Cada um de nós deve, então, fazer-se esta pergunta: onde vislumbrei essa passagem trabalhando o texto da Escola de Comunidade, o que aprendi, que caminho fiz?

Colocação: *Quando li, na pág. 204: “A comunicação de Deus está encarnada no temperamento do homem. Este constitui uma ‘condição’ que Deus aceita e transforma em ‘instrumento’ do seu desígnio de salvação”, dei-me conta de que para Deus o temperamento não só não é uma objeção, mas, sobretudo, é um método. Então, lembrei-me de outro livro de Dom Giussani que comprei há alguns anos porque gostei do título: Dal temperamento un metodo. A certo ponto, em uma das reuniões, é colocado em discussão exatamente este capítulo de Por que a Igreja, e uma pessoa faz uma pergunta a Dom Giussani que é a mesma que eu tenho: “Dom Gius, dei-me conta de que o meu temperamento, por um determinado período, foi uma objeção, mas agora eu o aceito como uma condição que me é dada. Isso é suficiente ou é preciso algo mais, ou seja, adequar-me a outro temperamento?”. Resposta: “Antes de mais nada, se o Senhor se apresenta ao seu temperamento, é como se o Senhor se apresentasse na sua casa, batesse à porta e a sua sala estivesse suja, cheia de ratos, aranhas, baratas: você fica irritada consigo mesma porque deixou a casa assim. Mas se o Senhor decide ir à sua casa, o que você deve fazer? ‘Senhor, perdoa-me e me ajuda’, basta!”. Depois, faz essa afirmação capital: “Não há nenhuma condição que possa impedir a busca e a aceitação de Jesus, nem no sujeito a quem Jesus se apresenta, nem na modalidade com a qual Cristo se apresenta. Deus, no Antigo Testamento, serviu-se de uma mula” (Dal temperamento un metodo, Bur, Milão 2002, p. 102). Nos Exercícios da Fraternidade do ano passado, citando Dom Giussani, você nos lembrou que “o milagre da misericórdia é o desejo de mudar. E isto implica o aceitar-se, porque senão não seria desejo de mudança, mas pretensão e presunção e não se tornaria pedido a Outro, não seria confiar-se a Outro” (Generare tracce nella storia del mondo,*

Rizzoli, Milão 1998, pp. 187-188). Então, aceitar o meu temperamento e, portanto, o dos outros, e a liberdade deles, não é um problema em primeiro lugar psicológico, mas de relacionamento pessoal e único com o Mistério que me faz. Intuo que isso tem a ver com o que o Papa Francisco nos diz na carta de 30 de novembro citando Santo Agostinho, porque se não cedo ao método de Deus que aceita e transforma o meu temperamento em instrumento do Seu desígnio de salvação, como posso ser pobre em Deus?

Carrón: Pois bem, a propósito da citação que você fez, qual é o primeiro lugar onde cada um precisa vislumbrar esta passagem? Não antes de tudo no temperamento dos outros, mas no nosso. Parece uma banalidade, mas muitas vezes é exatamente isso que nos bloqueia. Uma pessoa, por e-mail, pergunta: “Por que o meu temperamento seria um dom?”. Porque é dado, porque lhe foi dado. Se o Senhor decide bater à porta do seu temperamento – diz Giussani –, não há sujeito a quem Cristo se apresente ou modalidade com a qual Cristo se apresente que não possa ser ocasião para acolhê-Lo. Não há nenhuma condição que possa impedir isso. Quanto trabalho economizaríamos se aceitássemos simplesmente a modalidade com a qual o Senhor chega ao nosso humano! Nenhum temperamento pode impedir que Jesus bata à minha porta, à porta do temperamento que me deu. Mas acolhê-Lo, como podem ver, não é automático.

Colocação: *Fiquei muito tocado em retomar essa parte do livro de Escola de Comunidade, e, ao observar o que acontece comigo, surgiu uma pergunta que gostaria de aprofundar. Há vezes em que achamos que uma coisa é verdadeira porque a vivemos, porque fizemos experiência dela, e que é possível entender melhor segundo um acento, um temperamento que descobre em si. Algumas vezes faço a experiência de Dom Giussani quando, referindo-se à sua experiência, diz: “Era o meu próprio temperamento, o meu próprio tom de voz, o modo como eu expunha e enfrentava os problemas que produzia o efeito de serenar alguns e de contristar outros”. Ele chega a essa conclusão livre, que me surpreendeu muito e que desejo: “Desse modo, chamei a minha própria atenção e a dos outros para o risco [...] de esquecer que o elemento em jogo é o próprio amor à verdade” (p. 205). Você poderia nos ajudar a compreender melhor este “amor à verdade”? O que o sustenta e o faz manter a paciência quando a sua maneira para chegar à verdade, o que você tem em mente, não se realiza logo ou através da modalidade com a qual imaginou? Há momentos em que o que você intui ser verdade pode não ser reconhecido de imediato. Percebo que não sou tão livre ao pensar que tanto faz o fogo “crepitante”, a “fumaça” ou o “mal-estar”, e que tudo pode concorrer para o Seu desígnio de salvação.*

Carrón: Você sempre tem certeza de que a modalidade com a qual enfrenta a situação ou o seu modo de comunicar é sempre verdadeiro e é a única coisa adequada?

Colocação: Não.

Carrón: “Não!”. Às vezes, nem sempre, mesmo passando através de um temperamento, a nossa pode ser a modalidade mais adequada de nos exprimirmos. Quantas vezes aprendi com a reação dos outros, porque se tornava uma ocasião para eu aprender algo! Muitas vezes, antes de colocar a culpa no meu temperamento ou no fechamento dos outros, penso: talvez não tenha sido suficientemente claro ou não encontrei a chave de entrada no relacionamento com esta ou aquela pessoa. Primeiro tentarei ver se a razão da recusa é uma questão de temperamento ou se a recusa é algo que me é oferecido para eu dar um passo, para encontrar um caminho mais adequado para comunicar o verdadeiro. Neste sentido, aprendi muito. O segundo ponto diz respeito ao método de Deus, porque mesmo que se comunique da maneira correta, muitas vezes, como Deus escolhe alguém para chegar aos outros, nem todos o reconhecem no mesmo momento. Você pode ter visto uma coisa que tem dificuldade de “passar” para os outros. E isto lhe faz pensar que nós também podemos ter com os outros a mesma paciência que Deus teve para conosco. E depois – terceiro – há aquilo que Dom Giussani diz mais adiante: “A Igreja [...] foi salva nos séculos por quem, perseguindo o verdadeiro e o real, amando o valor e o ideal, não se escandalizou com os limites”. E dá o exemplo de São Francisco: “São Francisco de Assis [...] não se escandalizou com as divisões e violências que abalavam a Igreja do seu tempo, pelas guerras fratricidas que opunham cristãos a cristãos, mas, tocado por Deus após uma frívola juventude, lança-se numa luta que não é ‘contra’ alguém [supõe-

se que havia alguém contra], é ‘por’ Alguém” (pp. 216-217). O que pode manter a tensão é tentar afirmar algo por Alguém, não contra alguém. E sempre existe essa possibilidade. Por isso, “deixar-se obstaculizar pelo próprio erro ou pelo dos outros é a grande mistificação”. De fato, para Dom Giussani “o empenho pessoal, que não exclui a atitude crítica, mas não para nela, é um problema de moralidade elementar” (p. 218). E propõe imaginar “uma mulher, casada, com uma criança pequena. [...] Um dia, a criança fica doente [...]. Finalmente, chega o marido, a quem ela pede ajuda. Ele, porém, [...] está cansado, trabalhou o dia inteiro: senta-se para ler o jornal [...]. Qual será a reação da mãe? Dirá, acaso: ‘Bom, se para ele não é importante, eu também não vou me preocupar?’ Ou, acaso, ela não se mexerá sozinha, sem se deixar prender pela preguiça do marido?” (p. 218). É como se tudo isso colocasse em movimento um caminho humano, humaníssimo, que nos chama ao verdadeiro: eu renunciaria a afirmar o verdadeiro porque o outro não o entende? Naquele momento, nós também precisamos fazer uma escolha perguntando-nos: por que eu faço o que faço? Para que os outros o acolham ou pela minha paixão pelo verdadeiro, mesmo se estivesse sozinho? Como dizia Dom Giussani: se tivesse ficado sozinho, teria recomeçado do início. Mesmo que esteja sozinho no meu trabalho, mesmo que esteja sozinho no meu ambiente, mesmo que esteja sozinho na família, em qualquer lugar, é o amor ao verdadeiro, é o fazer “por” Alguém o que pode me dar razão suficiente para não jogar a toalha antes mesmo de começar. Portanto, é uma bela luta: “O fato cristão, na sua paradoxal realidade e potência, faz emergir o verdadeiro desejo do homem” (p. 219), e não em primeiro lugar o do outro, mas o meu, o meu!

Um segundo grupo de colocações faz referência à belíssima metáfora do ouro na lama (p.216).

Colocação: *Sim. Lendo o texto, essa metáfora do ouro me provocava continuamente. E então, a um certo ponto, perguntei-me o que era o ouro para mim e como fazia parte da minha vida. Imediatamente senti-me abatida, embora no fundo soubesse que tinha o desejo de entender. Por isso digo com franqueza que sempre me parece que o ouro, ou seja, o reconhecimento de Cristo que me alcança, para mim são instantes mais ou menos fugazes. É como naqueles videogames (os únicos que eu joguei), onde você é um homenzinho que corre pela trilha marcada e de vez em quando, saltando, consegue interceptar no alto os bônus que lhe dão ferramentas extras e, às vezes, ganha mais velocidade por alguns segundos. Então, o reconhecimento de Cristo na minha vida parece ser assim. Não sei se é um problema de temperamento. Talvez sim. Às vezes Cristo está presente, às vezes não está; e tudo precipita no abismo. Como a luz: acesa, apagada. Mesmo que seja um problema de temperamento, a questão que me perturba permanece, porque não quero viver sempre assim. Incomoda-me o lapso de tempo que há entre o meu abismo, quando parece que estou sozinha, e o momento da iniciativa de Deus que me alcança, porque esse espaço é um poço sem fundo e eu fico sem chão. Pode ser que seja humano, acho que é a experiência de todos. Mas não me basta dizer isso. Você vive momentos em que falta o chão sob seus pés? Imagino que você também tem momentos difíceis. Mesmo assim você nunca parece ser tomado pelo abismo, ter algum sofrimento quando está sentado na sua cadeira. Inflamado, sim, lhe vi muitas vezes, mas nunca com o rosto tomado por uma grande angústia, com a sombra do nada nos olhos. Por quê?*

Carrón: Você acha que é por quê? Esta – veem? – é a passagem que é preciso perceber. Como passa através do humano, se quando passa através do humano... Chegou a você através do humano?

Colocação: *Sim.*

Carrón: Se, quando passa através do humano, nós não captamos aquilo que passa através do humano, depois parece que, como você diz, se acende e se apaga, se acende e se apaga. Mas o que passa através do humano? O que passa através do humano é algo que se acende e se apaga? O que liberta de ser tomado pelo abismo?

Colocação: *Em relação a dar-se conta do que acontece, dar-se conta de si, dar-se conta de Cristo presente na realidade que funda a cada instante suas raízes no Mistério, parece-me que seja um problema de juízo. Mas a minha reação, mesmo que meditada – não digo puro instinto de reação –, corresponde infalivelmente a um juízo que me parece apenas medida e o seu efeito, no fim, é o de*

me deprimir e me colocar mais uma vez no centro de mim mesma, e uma “mim mesma” que nunca está à altura. Lembrei-me de quando um velho padre, ao me confessar, me disse que não é preciso julgar, nem a nós mesmos (como diz São Paulo na Primeira Carta aos Coríntios). Por outro lado, percebo que, no entanto, há um juízo, ou seja, uma consciência da realidade, que liberta; aliás, às vezes, ao ouvir você, intuo que a misericórdia maior é sermos feitos de modo tão objetivo que não podemos não ficar mal se uma coisa não nos corresponde. Qual a diferença entre essas duas modalidades de juízo? O que me ajuda a permanecer no juízo que me torna protagonista, vencedora? Obrigada por tudo, realmente.

Carrón: A seu ver, qual é a diferença? No primeiro caso, você está no centro e isto lhe deprime. Obviamente. No segundo caso, ao contrário, percebe profundamente a realidade, e essa consciência a liberta. E isso “se acende e se apaga”, ou está sempre presente? Por que está sempre presente? Porque você existe, porque a realidade existe! O que nos faz viver no abismo é essa falta de juízo, porque – olhem para o que pode nos parecer uma banalidade –, não percebendo o divino quando aparece no humano que vem ao nosso encontro, pensamos que ele é igual a todo o resto. E por isso, quando o efeito sentimental desaparece, tudo nos parece acabado. A Sua presença se apaga somente quando O identificamos com o nosso sentimento. Mas, a que Dom Giussani constantemente nos introduz? Ao fato de que a correspondência é sinônimo do divino, isto é, de algo que não se acende e se apaga, se acende e se apaga, se acende e se apaga; existe! De outro modo não poderíamos dar razão adequada daquela “diversidade” que se manifesta através do humano. Por isso, se o juízo não é sobre Ele e sobre o que aparece na realidade, mas sobre nós mesmos, isso não nos libera. É importante aprendermos isso, amigos, é importante! Deus não é como nós pensamos que seja, quer dizer, algo que se acende e se apaga. Não é assim! Somente o divino explica cada uma das coisas que nos contamos todas as vezes que nos encontramos, precisamos admitir isso, porque sem a presença do divino não poderíamos dizer nada do que dizemos, sequer sonharíamos com essas coisas, não passaria nem perto do nosso cérebro. Mas, como não percebemos isso, um instante depois é como se tivesse acabado e quando voltamos para casa, talvez também nesta noite, estamos no abismo. Esta passagem do livro – “Através do humano” – é preciso aprofundá-la para perceber o que há naquilo que acontece. E quando nos parece que a Sua presença se apaga, precisamos nos desafiar: o divino se apagou ou esta é uma ocasião para que eu O reconheça? Quando passo pela lama quer dizer que o ouro não existe ou que eu ainda não cheguei a reconhecer o ouro? Se a pessoa não faz esse trabalho, então, realmente termina no abismo. E por isso o “sim” de Pedro nos dá de novo a chave. Por quê? Porque se Pedro olha para si mesmo, se coloca-se no centro, é normal – como você diz – que se deprima: depois de tê-Lo renegado, deve ter pensado que seria repreendido. Se, ao contrário, no centro está a Presença que o abraça – “Tu me amas?” –, então isso o liberta. Como diz Giussani, é uma conversão de mim a um Outro que me diz: “Tu me amas?”. Por isso, na Bíblia, sempre, através de fatos que viram, os pertencentes ao povo de Israel chegam a essa clareza de juízo: “Pode uma mulher esquecer-se de seu filho? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca” (Is 49,15). Será que esta é apenas uma frase, uma afirmação sem sentido, ou é a única forma para explicar tudo o que os olhos deles viram? Esta é uma decisão da liberdade: acolher ou rejeitar. Como escreve uma nossa amiga de longe, que não pôde vir, sobre uma situação particularmente desafiadora: “Para mim é cada vez mais claro, também pelas circunstâncias em que me encontro, que para viver e descobrir para quê sou feita não é necessário nenhum aparato, estrutura ou clube ao qual pertencer, mas estar na realidade, porque nada pode impedir que você se dê conta daquilo que acontece na sua frente e que se deixe tomar por Aquele que está lhe fazendo neste instante [poderia parecer que não há necessidade de um lugar e que basta a realidade]. No entanto, exatamente esta descoberta me tornou ainda mais desejosa de seguir você e o centro do Movimento [porque é ali onde sou educado constantemente a este reconhecimento, porque é uma história particular que me introduz a este reconhecimento da realidade. Posso reconhecer isso até estando do outro lado do mundo, mas preciso ser constantemente educado]. Então, eu peço para mim e para meus amigos essa pobreza de espírito, para que continuamente sejamos disponíveis a um verdadeiro seguimento, porque o vejo, em primeiro lugar para mim, como a única possibilidade de um conhecimento cada vez mais profundo

e certo de Quem encontrei e de quem eu sou. Sou grata a você por esse desejo que nasceu no meu coração, porque não pode ser outra coisa senão o fruto do trabalho que estamos fazendo”. Como vocês veem, para chegar a encontrar ouro na lama é preciso atravessar a lama, é preciso sujar as mãos.

Colocação: *Gostaria de contar o que aconteceu no sábado à noite, porque me permitiu entender o que você dizia sobre se importar mais com o ouro do que com a lama e sobre o fato de que o divino escolhe o humano como meio para se comunicar. Estava num jantar com alguns amigos, um jantar sobre o qual tinha uma grande expectativa. Mas depois, uma vez ali, estava um pouco incomodado com eles, porque parecia-me que nossa maneira de nos olharmos era muito pouco em relação ao que eu desejava. Num determinado momento, estava conversando com um deles e me lamentava disso. Olhei para ele e percebi que, como eu, estava triste, enquanto todos os outros estavam com a expressão muito boa. Tomado um pouco por uma inveja – que, em parte, é boa, mas também estava irritado – fui até a amiga que tinha nos convidado e bruscamente lhe disse: “Estou tendo essa dificuldade”, e quase a acusei, ela e os outros, de não ser suficiente.*

Carrón: Atenção! Em primeiro lugar jogamos as nossas dificuldades em cima dos outros!

Colocação: *A primeira coisa que aconteceu, e que me mudou, foi que os outros reagiram valorizando o que eu tinha dito, reconhecendo que poderia haver uma maneira mais bonita de estarmos juntos, mas também dizendo-me por quais razões, segundo eles, para alguns em particular, valia a pena estar ali naquela noite. E em especial uma delas, que a propósito não conhecia, me tocou. Disse que uma das razões pelas quais, segundo ela, valia a pena estar ali era o fato de eu ter colocado aquele problema, aquela minha dificuldade. Vendo que eles me levavam a sério, seja reconhecendo o valor da minha contribuição seja sublinhando o erro que estava cometendo e me propondo um trabalho, isto é, olhar para o que já existia, entendi o que significa procurar o ouro. Eu descreveria como entrar na realidade com um preconceito positivo, isto é, um desejo carregado de espera, porque a circunstância, como aconteceu naquela noite, revela o que desejo e, portanto, é ocasião para encontrar a resposta. Porque, se não sei o que desejo, como faço para interceptar o que responde ao desejo? E tocou-me o fato de que – como dizíamos antes – o divino se comunica através do humano, porque ficou evidente que Deus escolhe também os nossos limites para se mostrar. De fato, no fim da noite, estava muito feliz com tudo o que tinha acontecido, mas para que isso acontecesse foi necessário o limite dos outros e a minha dificuldade (quer dizer, também a minha posição polêmica diante deles). Por isso, foi necessário que minha liberdade desse um passo reconhecendo o que eu mais desejo, mas a minha maneira polêmica de colocar a questão também foi um instrumento, tanto que me agradeceram pela questão que tinha levantado. E fiquei impressionado porque não me senti justificado pelo erro que tinha cometido, a contrário, a dor aumenta, mas ao mesmo tempo não sou condenado pelo meu erro.*

Carrón: Estão vendo? Isso não é mecânico, como muitas vezes pensamos. É dramático. É preciso apostar tudo. Este é um exemplo do que eu lembrava no início: “É esta passagem que somos chamados a perceber”, isto é, que “a potência de Deus passa através do condicionamento do tipo humano de que se serve” (p. 204), como os seus amigos. Mas se a pessoa chega no jantar e se fecha, se não aceita fazer essa passagem, irá para casa lamentando-se porque os outros não estiveram à altura imaginada por ele como necessária para serem testemunhas. Mas foi esse trabalho, esse empenho seu que desbloqueou a noite: “Um garimpeiro não se deteria jamais diante da lama do leito do rio no qual esperava poder encontrar pepitas. Buscaria o ouro e seria movido pela probabilidade ou não de encontrá-lo [não é obvio que o encontre, nem naquele jantar, era], não pelas condições mediante as quais poderia vir a tomar posse dele”. E Giussani continua: “É terrível pensar o quanto, ao contrário, o homem se separa do problema do seu destino [e posso me contentar em passar a noite mais ou menos bem, separando-me do meu destino de felicidade, do problema do meu destino], a ponto de renunciar ao ouro por causa da lama que o acompanha [não perceberemos o alcance destas frases fazendo uma meditação abstrata, mas surpreendendo-as em ação numa experiência como a que acabamos de ouvir] [...] [porque] o problema é de juízo: não se avaliou que o que está em jogo é o ouro da vida” (p.206). Por isso, alguém como você não se bloqueia, não se

deixa bloquear. Essa é a oportunidade que cada um tem: ou lamentar-se de tudo o que os outros não fazem ou que deveriam fazer, ou envolver-se, implicar-se para descobrir o ouro que existe (naquela noite, por exemplo). Não é que apareça e desapareça, existe! Mas é preciso sujar as mãos para reconhecê-lo. E isso implica a liberdade.

Colocação: *Fiquei muito tocada com a parte do texto que fala sobre a liberdade, em particular por causa de algumas coisas que aconteceram ultimamente. Muitas vezes percebo que acontecem fatos que me correspondem, são até bonitos, no entanto tenho muita resistência, mesmo diante da correspondência vivida. Por isso volto para casa triste, é como se eu nunca conseguisse me contentar, mesmo acontecendo muitas coisas. Então eu me pergunto qual é, se existe, o caminho que pode educar a liberdade, porque estou vendo que vou perder tudo se continuar obstinada sobre a ideia que tenho das coisas.*

Carrón: Veem? Mesmo que saibamos, não é suficiente. De fato, somente a experiência nos convencerá a não resistir e por que não nos convém resistir. Por isso, é muito pertinente a pergunta que você faz: como educar-se a isso? Giussani nos lembrou disso em um capítulo de *O senso religioso* que insiste exatamente sobre este ponto: em que consiste a educação à liberdade. Ela implica três coisas. A primeira: “Uma educação à *atenção*”, aos fatos que lhe acontecem, porque “a atenção não necessariamente se impõe à nossa liberdade; não é automaticamente fácil prestar atenção”. Esta é a primeira questão, que pode nos parecer uma banalidade: mesmo reconhecendo os fatos, às vezes não prestamos atenção a tudo o que eles implicam, e portanto não somos capazes de superar a primeira resistência em perceber todo o seu alcance. Por isso temos tanta dificuldade. Fico impressionado, como dizia aos universitários, que o filho pródigo tenha querido ir embora de casa porque achava que estava sufocando. O que aconteceu com ele para que, num determinado momento, depois da experiência que fez, do caminho da vida que fez, tenha tido uma vontade louca de voltar para sua casa? Todo o problema da vida é aprender isso, como você disse: não somente aprender a não resistir, mas a entender verdadeiramente o que tem valor na vida. E isso é, antes de tudo, um problema de atenção. De fato, como diz literalmente o Evangelho, o filho pródigo “entrou em si mesmo”, dando-se conta do próprio desejo. Segunda implicação: uma “capacidade de aceitação”, porque “acolher uma proposta na sua integridade também não é automático”. Aceitar as coisas porque nos educam a abraçar a realidade como nos é dada. Terceiro: “Uma atitude correta diante da realidade”. E “qual é essa atitude? É permanecer na posição original em que a natureza molda o homem” (*O senso religioso*, Ed. Universa, Brasília 2009, pp. 191-192), ou seja, a hipótese positiva da qual se falava antes. Precisamos entrar na realidade que não conhecemos completamente, como ao contrário muitas vezes pensamos. Nosso amigo tinha uma expectativa positiva em relação à noite e quando algo começou a não se encaixar empenhou-se e colocou a questão da sua dificuldade. A realidade só pode se revelar a quem se empenha com essa positividade. Se nos educamos a partir das coisas, respondendo à provocação da realidade, aos poucos vemos como essa postura cresce em nós e como não estamos sempre no nível zero. Espero que aconteça sempre assim! Quando se entra na realidade com essa atitude, tudo é diferente, como disse uma amiga que não pôde vir: “Estou em um momento particularmente delicado no trabalho, com o risco de perdê-lo, e isso me fez ficar com raiva. Mas logo entendi que a raiva não me levaria a parte alguma [a pessoa perde sempre menos tempo evitando as reações raivosas, e então começa a vir à tona, na experiência, o que Giussani diz]. Naquela situação particularmente desafiadora do trabalho havia bem mais em jogo do que a busca angustiada e estéril de uma saída, o que estava em jogo era a minha pessoa e a minha fé”. O homem facilmente se separa do problema do seu destino: de um lado, o problema do trabalho, do outro, o problema do destino. Não! Se a pessoa percebe que nesse desafio não está em jogo simplesmente um aspecto da vida, mas a modalidade com a qual ela se coloca diante da realidade, como diz Dom Giussani, então começa a intuir o que é o amor à verdade, o que é o amor ao ouro. Continua a carta: “Simplesmente o colocar-me nessa posição [apenas mudar a postura, sem esperar que a circunstância mude, somente a mudança da minha postura assumindo a posição mais verdadeira, não a mais fácil ou aparentemente ‘natural’] fez mudar tudo. Descobri a diferença abissal entre entrar nas circunstâncias difíceis cheios de si, cheios

da própria medida, dos próprios raciocínios, das próprias ideias ou, ao contrário, cheios do pedido da Sua presença. Tudo mudou. Vi-me preocupada, mas não esmagada, cansada, mas não desorientada, exausta, mas cheia de certeza e até alegre. A comoção alcançou o ápice quando li na carta que o Papa lhe enviou: ‘Esta pobreza é necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele. [...] num mundo lacerado pela lógica do lucro’. Fiquei pasma, parecia escrito propositalmente para mim”. Aí está, é preciso deixar que a carta do Papa nos fale desse modo, não através de uma explicação, mas através desse sobressalto, porque somente assim a entenderemos sem reduzi-la. O homem, insiste Giussani neste capítulo de *Por que a Igreja*, é cristão com toda a sua liberdade. Podemos aceitar os desafios que estamos vendo, envolvermo-nos de um certo modo ou permanecer bloqueados, porque a mensagem cristã está ligada à seriedade e à capacidade moral do homem, não à minha capacidade de coerência, mas de ir atrás de toda a exigência do meu coração, de toda a exigência de significado, de toda a exigência de felicidade, de ser eu mesmo até o fundo, de buscar o ouro mais do que qualquer outra coisa. E quando um homem adere tão livremente, então torna-se instrumento do divino que desafia qualquer medida humana.

Colocação: *Também em relação ao que você disse agora, gostaria de contar um episódio que aconteceu no trabalho, onde pude ver bem como as pessoas que nos circundam percebem a excepcionalidade que carregamos. Sou enfermeira, trabalho na ala de oncologia junto com outra colega do Movimento. Nosso chefe é um homem muito inteligente que se declara ateu de modo muito convicto e que, apesar disso e sabendo muito bem que somos do Movimento, olha para nós com uma estima e um olhar impressionantes. Não perde ocasião para dizer que aquilo em que acreditamos não existe. Porém, junto com isso, também não perde ocasião para pedir nossa opinião sobre as coisas. Algumas semanas atrás o chefe saiu do quarto de uma paciente terminal, depois de tê-la consultado, dizendo que o Paraíso não existe, que aquela senhora acabaria no nada em pouco tempo e que nós estamos iludidas em acreditar em algo. Começou a nos desafiar dialeticamente. Nós duas aproveitamos a situação e começamos a responder a ele com discursos. Discursos justos, dizíamos coisas justas, porém, foi impressionante ver que o chefe, que é muito melhor que nós em dialética, quase se divertia porque rebatia tudo...*

Carrón: Quase colocou vocês na lona!

Colocação: *Exato.*

Carrón: Mas era apenas o primeiro round.

Colocação: *Sim, sim. Víamos que esperava o nosso juízo, mas não conseguia perceber...*

Carrón: Estava provocando vocês.

Colocação: *Sim, porém não percebia nada de interessante no que estávamos dizendo, não ficava envolvido pelos nossos discursos. Depois, enquanto estávamos ali, o telefone tocou. Era um colega de outra ala que precisava de ajuda. Minha colega atendeu. O chefe mudou ouvindo-a falar, pegou-me pelo braço e de modo meio incomodado, me disse: “Por que ela é tão gentil? Ela tem algo que não consigo explicar, que sempre me deixa perturbado”.*

Carrón: Repita a frase que ele disse.

Colocação: *“Por que ela é tão gentil? Ela tem algo que não consigo explicar, que me deixa sempre perturbado”.* Fiquei impressionada pelo fato de ele ficar perturbado com algo que não entendia.

Carrón: É isto que faz ir além da medida. É isto que é preciso explicar, amigos. É isto: o divino que passa através do humano. Não é que “se acende e se apaga”. Não! Este algo, que passa através de um momento, e que causa inquietação, é o que é preciso explicar. Sem isso, estamos sempre à beira do abismo. Mas a questão não é quando você está à beira do abismo, é quando não percebe aquilo que o outro percebe, isto é, esse “algo” além da gentileza. O que é este algo além da gentileza?

Colocação: *Também me surpreendeu ver como somos dualistas diante do que acontece. Tenho certeza de que as pessoas não precisam de discursos, mas de uma presença. Eu tenho muita certeza disso, mas fiquei impressionada porque, assim que ele começou a nos provocar, a primeira coisa que propus foi um discurso, a primeira coisa que fizemos foi isso. Mas o que depois me tocou é que*

– vi isso no modo como minha colega agiu – nós estamos tão em relacionamento com Cristo que nos momentos normais, através do nosso modo de agir, somos sinais de outra coisa e não temos consciência. Eu pensei nisso e disse a mim mesma: esforcei-me em explicar e Cristo não aparecia; depois, minha colega atendeu ao telefone, e o chefe se moveu, ficou perturbado. E vendo como ele mudou, lembrei-me da frase que você sempre diz: “O homem Jesus de Nazaré [...], este homem não fazia um único gesto sem que a sua forma demonstrasse a consciência do Pai” (L. Giussani, “**Un uomo nuovo**”, em *Passos*, n. 3/1999, p IX). O passo novo que experimentei é que isso é libertador, quer dizer, o fato de as pessoas serem tocadas pela nossa maneira de viver e que testemunha nosso pertencer a Cristo é libertador e, nesse momento, cabe à sua liberdade dar o próximo passo. Ver um homem tão convencido de ser ateu e ver nascer nele uma pergunta como aquela, uma pergunta simples (“O que há além dessa gentileza?”), questionou muito o meu modo de viver. Perguntei a mim mesma: ‘tu, Cristo, és tanto assim para mim a ponto de, através do modo como respondo ao telefone, mover o coração de um homem?’. Acho que a resposta a essa pergunta é a companhia maior que podemos fazer às pessoas. Isto é: pertencer àquilo que nos aconteceu é a única companhia que podemos fazer às pessoas.

Carrón: Qualquer que seja a posição que o outro tenha, porque nada pode impedir um homem de se espantar diante de uma gentileza que carrega “algo”. Este algo além da gentileza: eis o humano que se torna instrumento da comunicação do divino. É um caminho humano cheio de entusiasmo que nos convida constantemente, que nos chama sem cessar a não permanecermos no contragolpe sentimental e a buscar o ouro além da lama.

Colocação: Diante de um fato comovente, fazer a pergunta: “De onde nasce? Quem o está dando a mim?”, e deixar-se surpreender pela Sua presença que o faz acontecer é um método de conhecimento e de nutrição de si que nos faz possuir o presente e, através da história particular deste presente, ultrapassa os limites do tempo e do espaço. Porque eu sempre paro – acontece sempre, aconteceu setenta vezes e acontecerá setenta vezes sete – no contragolpe sentimental que, depois, se dilui nos golpes do dia a dia.

Carrón: Atenção, o que se dilui é o contragolpe sentimental, não Cristo que nos faz estremecer constantemente.

Colocação: E, portanto, na boca e na alma permanece esse sabor um pouco putrefato de algo que está morto, que pensamos ter perdido para sempre; assim nos parece, a nós homens modernos, que nos concebemos de modo reduzido. Mas não é assim, porque encontrar no coração o dom incômodo e ardente da pergunta, deixá-la explodir, deixar que o coração pare de se endurecer e deixar que sofra, abre-o à possibilidade de ser preenchido pela Sua presença. Porque quando eu perdo, sinto finalmente o coração arder, como aconteceu no tempo do primeiro amor, e isso faz-me viver a Sua presença agora e reconquista tudo porque ressuscita tudo o que tinha perdido também no passado, doa-o novamente a mim e o ressuscita. De fato, essa coisa nasceu porque vi que de outro modo não seria possível me comover por uma pequena festa de Natal, vinte e três dias depois de ter acontecido, lendo o texto da Escola de Comunidade e fazendo memória dela! Durante essa festa, tirei fotos, muitas fotos, mas não tinha me comovido.

Corrón: Não basta ser como aqueles turistas que tiram fotos, mas não se comovem.

Colocação: Então, de algum modo, os limites do tempo foram derrotados, foram vencidos. E também o limite do espaço, porque se vê pelas pessoas que intervêm aqui na Escola de Comunidade ou que você cita, de todos os cantos do mundo, que estão literalmente tomadas. Essa pergunta deixa que o coração seja atraído por aquilo que você está dizendo. Esse empenho de seguir você (porque está ligado ao percurso destas duas últimas Escolas de Comunidade) torna a fé entusiasmante, a vida viva e o coração ferido, o meu limite não O para e realmente Ele se veste de mil maneiras para vir me tomar novamente, tomar exatamente a mim, busca a mim que normalmente não O busco dia e noite, perdendo-me na galáxia dos meus interesses. Sempre, quando você fala a respeito, eu me sinto muito repreendido. Porém, Ele volta a me buscar. E então pude perceber que, mesmo se não O busco, é Cristo que me busca. Nada é tão bonito quanto essa dor e essa gratidão, nada é comparável a isso, porque é a potência que vem do fato de dar-se conta

de ser amado incondicionalmente por Ele, que volta sempre. “Vinde, Senhor Jesus!”. Finalmente disse isso. E foi isso que me fez ir atrás de você. Não escondo que, embora sua proposta seja cristalina, normalmente no limite da dureza, por causa da qual nunca saio de um encontro com você sem alguma bela bordada, tenho a impressão de que entre nós esse pedido seja feito como o enésimo esforço do nosso coração, que deve ser bom em esperar, sem dobrar-se sobre o fato de que a nossa primeira única e possível atividade seja, como fantásticamente descreve Giussani, a “passividade” da nossa necessidade, do nosso nada que precisa do Tu e não pode fazer outra coisa a não ser reconhecê-Lo. Então, normalmente se ouve algo que não é o calor de uma amizade, mas o gelo de um controle: “Você foi à Escola de Comunidade?”, “Pagou o Fundo Comum?”, etc, que são todas coisas úteis, mas assim não são bonitas e tornam-se, infelizmente, uma maldição. E quase nunca encontro alguém que queira estar dentro da dor da minha necessidade, ajudando-me a viver, a tornar-me consciente da fome e sede que temos d’Ele. Você, porém, está conosco. Somente no caminho com você é possível enfrentar isso a partir de uma perspectiva correta. Por isso, obrigado porque não desiste de mim, porque você não desiste e por isso não nos abandona. Há algum tempo tive vontade – diante da contínua e incômoda perseguição de quem contestava você duramente, e que normalmente não estava buscando a verdade, mas somente o reconhecimento de si – de escrever-lhe que estava com você. Porém, para mim, são um pouco mais incômodos os que sempre lhe dão razão, como se fosse sempre normal e banal ir atrás de você, como se fosse uma coisa fácil, business as usual. Hoje, porém, no decorrer do caminho que nos faz fazer seguindo Giussani e o Papa, na estrada do carisma, quero apenas lhe dizer obrigado porque está comigo, porque realmente vi que você, como Jesus, estaria comigo mesmo se eu estivesse contra você. Então, obrigado e boa caminhada.

Carrón: Este é o caminho entusiasmante da vida.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, 22 de fevereiro, às 21h00.

Começaremos um novo capítulo: “Uma missão da Igreja para com o homem terreno”. Trabalharemos os cinco primeiros pontos, da pág. 231 a 244.

Nenhuma colocação falou sobre a última parte do capítulo anterior “Por intermédio do ambiente e do momento histórico-cultural”: “O cristianismo – diz Giussani – não está no mundo para esvaziar a dinâmica da evolução histórica, mas para comunicar aqueles valores [...] cuja preservação possibilita que toda evolução tenha os instrumentos para se tornar útil como expressão do homem”. É exatamente sobre isso que tivemos tanta dificuldade durante todo este ano. Que o início da luta contra a escravidão tenha sido escrever uma carta, como fez São Paulo a Filemon, é um belo desafio. Giussani oferece outros exemplos para mostrar que “o valor trazido pelo cristianismo é algo que diz respeito ao homem como homem em qualquer circunstância” (p. 222). E isto significa que “a Igreja não se propõe a esvaziar os conteúdos que a evolução histórica introduz na vicissitude humana: a fé incide e determina a personalidade do sujeito que [...] usará [depois, todos] os meios que os seus dotes pessoais e os condicionamentos históricos lhe sugerem” (p.226). Por isso, peço que vocês retomem as páginas 221-229, percebendo seu nexos com o capítulo seguinte. Dom Giussani acrescenta: “Não é fácil aceitar isto [nem para nós], mas o anúncio cristão se propõe desta maneira”. “O Deus feito homem comunicou-Se ‘dentro’ de uma realidade humana, dentro de uma limitação histórico-cultural precisa” (p. 226). Este é o método de Deus, diz Dom Giussani; se nós não entendemos isso, depois nos fechamos em discussões inúteis porque o problema não é quem vence a discussão, mas quem leva em consideração todos os fatores em jogo. Deste modo, podemos entender muito mais qual é a missão da Igreja para com o homem.

Esta noite ouvimos citar a carta do Papa Francisco. Chegaram perguntas pedindo explicação. Não quero explicá-la, já podia ter feito isso na primeira carta que lhes escrevi quando enviei o texto do Papa. Não quero reescrever a carta que o Papa nos enviou e por isso não disse nada sobre o seu conteúdo. É preciso dar o tempo para que os fatos da experiência que fazemos nos faça entendê-la.

Depois, encontraremos a maneira de fazer uma síntese da experiência feita. Deixemo-la crescer diante dos nossos olhos de modo que a experiência nos ajude a perceber cada vez mais o alcance da carta do Papa.

O livro do mês para fevereiro-março [na Itália] é o romance de Louis De Wohl *La lancia di Longino* (Ed. Bur). O romance narra a história do centurião romano que atravessou com a lança o lado de Jesus na cruz. É a história de pessoas comuns, cada uma com as próprias dores, religiões e ceticismos que, num determinado momento (poderíamos ser também nós), por acaso, se deparam com Jesus, ainda que apenas com alguma palavra sua ou a narração de algum milagre, ou como quando Longino, com a lança na mão, está aos pés da cruz.

Convido-os a participar também como voluntários do Dia da Coleta de Medicamentos, que acontecerá em toda a Itália no sábado, dia 11 de fevereiro. Nas farmácias que aderiram à iniciativa e que têm o cartaz afixado, será possível adquirir um ou mais medicamentos para o Banco, que serão doados para a assistência de muitos pobres que não têm condições de se tratar. Os pobres assistidos pelo Banco de Remédios são mais de quatorze mil. Para o dia da Coleta são necessários muitos voluntários. Você podem encontrar todas as informações no site do Banco de Remédios: www.bancofarmaceutico.org.

Veni Sancte Spiritus